

VIOLÊNCIA E RESPONSABILIDADE SOCIAL

Uma leitura da narrativa do conflito fraterno de Caim e Abel

Ágabo Borges de Sousa

I. Introdução

Muitas vezes tentamos reduzir as narrativas do Antigo Testamento a contos históricos, fechados no tempo e no espaço. Dessa forma, olhar os textos é como visitar museus, olhamos as peças para ver como era o passado, mas não vamos usá-las outra vez. Novos instrumentos foram criados para atender as necessidades, superando em muito as peças expostas no “museu”.

A Bíblia é muito mais que isso, especialmente o livro de Gênesis. Ele discute o problema dos inícios e princípios. A *cosmologia* é um dos temas do Gênesis, procurando pensar como se iniciou o mundo, a partir da observação da realidade já existente. Ele procura responder a pergunta básica da inquietação humana: “Por que o mundo é como é?” Essa pergunta tem sido levantada pelas diversas correntes do saber e ultrapassado as barreiras do tempo, sendo, ainda hoje, tema das ciências. O Gênesis aborda o tema, não do ponto de vista científico, mas teológico.

A *antropologia* é outro importante tema no contexto do livro dos inícios e princípios. “Como começou a humanidade?” A pergunta se prende ao começo da participação do homem no ambiente cosmológico. “Qual o momento do ser humano na estruturação da realidade do mundo?” Com essa questão o livro de Gênesis discute vários aspectos da antropologia.

As *estruturas sociais*, como famílias, clãs, cidades e problemas, como a conhecida guerra dos sexos, disputas fraternas, o problema do mal e o erro são refletidos nesse livro. Trata-se, portanto, de um livro, não apenas preocupado com o início das coisas, enquanto cronologia, mas, também, com seus princípios.

Os *princípios* são os elementos constitutivos da compreensão de alguma coisa. Eles estabelecem a forma de compreensão do mundo, do homem e de tantos outros temas apresentados no livro de Gênesis. Por isso esse livro é atual, fala da própria natureza do ser humano e seus questionamentos mais profundos. Enquanto houver ser humano, haverá espaço aberto para os temas tratados no Gênesis.

É nesse sentido que gostaria de olhar o conflito fraterno de Caim e Abel, pois não se trata de uma história fechada no passado, mas aberta, que se repete no próprio jeito de ser “ser humano”, gerando o desrespeito à vida, olhando o outro como concorrente; transferindo para outros, como espelho, sua própria imagem rejeitada.

II. Conflito Fraterno

O nascimento de Caim e Abel mostra que a dicotomia (bem e mal), estabelecida pela desobediência de Adão e Eva às orientações de vida dadas por Deus, afeta as relações e pode gerar a violência que, mais tarde, será um dos maiores problemas no contexto do projeto de Deus.

Cada um dos filhos da “Mãe da Vida” representa uma tradição que disputava, entre si, espaço para expansão de sua atividade. De um lado, a tradição agrícola e, do outro, a pecuária. Devemos entender que Caim e Abel são mais que apenas dois indivíduos; eles são representantes da força de produção para sobrevivência, onde grande parte dos conflitos é gerada¹. “Abel foi pastor de ovelhas e Caim foi lavrador da terra” (Gn 4,2).

A relação com Deus é representada pelo sacrifício que ambos oferecem a Javé, sendo um aceito e outro rejeitado. A rejeição de Javé ao sacrifício de Caim, contudo, não é uma atitude arbitrária, ou de preferência, como alguns podem até entender². Há uma razão, um fundamento para essa rejeição, que é expressa em Gn 4,7.

“Porventura, se *procederes bem*, não se há de levantar o teu semblante? E se não *procederes bem* o pecado jaz à porta, e sobre ti será o seu desejo; mas sobre ele tu deves dominar”.

A rejeição, conseqüentemente a queda de semblante de Caim, tinha como fundamento o seu proceder. Não é expresso qual o mal de seu proceder, mas, seja qual for, foi esse procedimento mau que levou Deus a rejeitar seu sacrifício. A palavra de Javé, no verso 7, vai mais além, pois o convida a não se deixar dominar pelo pecado que vinha tomando conta de seu ser, estando à “porta” de sua vida. Há como que um aviso, um alarme, para que Caim tome cuidado de não se deixar levar pela “ira” e pelo “semblante decaído” (mágoa, tristeza). Entretanto, o texto prossegue mostrando que não houve o cuidado necessário por parte de Caim, deixando-se dominar e não assumindo o controle sobre esses sentimentos e atitudes negativos. O desejo não “dominado”, não “administrado” corretamente, se transforma em uma ação danosa, que marca a com a morte a história da humanidade.

O clímax da narrativa está no verso 8:

“Falou Caim com o seu irmão Abel. E, estando eles no campo, Caim se levantou contra o seu irmão Abel, e o matou”.

É introduzida uma palavra de Caim a Abel, cujo conteúdo o texto não apresenta; portanto, não sabemos o que ele poderia ter dito a seu irmão; podemos, porém, imaginar que se trata de uma forma de preparação para seu ato criminoso. A morte de Abel é a morte de um inocente, vítima dos problemas de seu irmão e seus sentimentos de ira, tristeza e rejeição; nesse sentido, podemos falar de inveja. Abel representava para

1. Sobre as compreensões individualistas e coletivas das figuras de Caim e Abel na história da pesquisa do texto veja WESTERMANN, *Gênesis Kapitel 1-11* (Biblisches Kommentar: Altes Testament II). Neukirchner Verlag, Neukirchen-Vllyn, 1983, p. 385-388.

2. Veja TOWNER, *Genesis* (Westminster Bible Companion). Westminster John Knox Press, Louisville, 2001, p. 59-60. DATTLER, *Gênesis: Texto e Comentário*. Edições Paulinas. São Paulo, 1984, p. 63.

Caim a razão de sua rejeição, mesmo não sendo, pois Javé rejeitara o seu sacrifício por causa de seu proceder. Há uma transferência de suas dificuldades para seu irmão; o mesmo processo que vemos no confronto de Adão e Eva com Deus, quando eles transferem a responsabilidade de sua desobediência para a mulher e para a serpente, respectivamente.

A pergunta de Javé a Caim representa o seu desejo nas relações fraternas, pois já havia sido compreendido que “não é bom para o homem ser só” (Gn 2,18). “Onde está o seu irmão?” Essa é a pergunta da fraternidade que se estabelece como vontade de Deus; a negação dessa fraternidade é má. Assim, o mal vence a relação fraterna de Abel e Caim, afirmando, mais uma vez, o seu conflito com o bem. Caim não se sente mais participante da vida de seu irmão e transforma o mal em violência, tornando-o a expressão por excelência de tal conflito, estabelecido na desobediência de seus pais, sendo ele herdeiro dessa tradição.

A narrativa do crime de Caim discute, especialmente, o nível de conflito nas tradições de produção e sua aceitação diante de Javé, o que resultou, na história do povo de Israel, em muitos confrontos de morte, quando a vida deixa de ter o sentido da participação da responsabilidade nas relações fraternas. A vida do outro passa a ter um valor secundário para aquele que não entende a proposta de Javé, que nos torna responsáveis pela vida do outro.

A punição de Caim está ligada a sua impossibilidade de fixar-se na terra, pois a havia manchado de sangue, uma vez que seu crime fora um atentado contra toda a criação e não apenas contra um único ser humano. Houve uma quebra na cadeia da vida e sua continuidade estabelecida por Javé. Contudo, há ainda uma proteção de Deus para que não haja um desencadear da violência, pois esta coloca em risco todo o seu projeto para sua criação.

“O Senhor, porém, lhe disse: Portanto quem matar Caim, sete vezes sobre ele cairá a vingança. E pôs o Senhor um sinal em Caim, para que não o ferisse quem quer que o encontrasse” (Gn 4,15).

Dessa forma, seria quebrada a sucessão de crimes e violência, pois Caim fora protegido por Deus. O sinal que Javé coloca em Caim é de proteção, de cuidado, trata-se de um sinal individual, e não coletivo, cujo interesse é interromper a cadeia de vingança que poderia se estabelecer no contexto do crime. Esse será o princípio usado para o estabelecimento da lei de vingança de sangue, com o estabelecimento das “cidades de refúgio”³. “A legislação acerca das cidades-refúgio (Nm 35,9-34; Dt 19,1-13) sanciona a vingança de sangue, mas a controla exigindo, de antemão, um juízo sobre a culpabilidade do assassino, e excluindo o caso de homicídio involuntário”⁴.

3. Num 35,9-34; Dt 19,1-13. Veja ainda DE VAUX. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2003, p. 30-31.

4. DE VAUX. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2003, p. 31.

1. A Família de Caim

A narrativa da genealogia de Caim introduz algumas questões importantes para a continuidade dessa primeira parte do livro dos inícios. Primeiramente, é estabelecido o nascimento das cidades, como forma de organização, e identificado como filho de Caim, Henoc. Mais tarde, a cidade se tornará um problema, com os filhos de Adão e a Torre de Babel. Mas é a tradição agrícola que gera a comunidade citadina.

A apresentação da árvore genealógica de Caim, que usa o sistema misto com (1) a identificação do pai e da mãe gerando o filho, e com (2) a sucessão de um indivíduo, normalmente do sexo masculino, ou seja, uma sucessão paterna, levam-nos a compreender a importância desse personagem no contexto da formação de comunidades, sua organização e a necessidade de interromper a cadeia de violência iniciada no conflito fraterno. Haverá uma interrupção nessa apresentação dessa genealogia, com a figura de Lamec, que encontra um paralelo na genealogia de Set, como veremos abaixo.

A genealogia é interrompida para uma breve narrativa sobre Lamec, a qual apresenta alguns segmentos das relações em torno da cidade: a atividade pecuária; a atividade artística; atividade agrícola ligada à produção de instrumentos de metal; trata-se do início da cultura de comunidade sedentária. Mantêm-se aqui os elementos de conflito já apresentados na relação anterior entre Caim e Abel, pois há mais uma narrativa de morte. Mas agora é seu descendente que vai afirmar a necessidade das cidades-refúgio, pois um conflito levou a um homicídio. Nesse texto temos a razão do homicídio.

“Disse Lamec às suas mulheres: Ada e Sela, ouvi a minha voz; escutai, mulheres de Lamec, as minhas palavras; pois matei um homem *por me ferir*, e um rapaz *por me pisar*” (Gn 4,23).

A família de Caim é identificada como o grupo que estrutura as cidades, mostrando seus conflitos, mas, também, a necessidade de interrupção na cadeia da violência que ameaça a continuidade da família.

“Se Caim há de ser vingado sete vezes, com certeza Lamec o será setenta e sete vezes” (Gn 4,24).

Essa observação lembra a palavra de Jesus em Mt 18,22, onde se deve perdoar setenta vezes sete.

O texto interrompe a apresentação da família de Caim para indicar o substituto de Abel, filho de Adão e Eva (*Ser humano* e a *Mãe da vida*), colocando uma outra opção à humanidade, que não estaria ligada, necessariamente, à tradição de Caim.

2. A Família antes do dilúvio

Set abre um novo momento na história das famílias. O texto de Gn 5 retoma o início, como quem deseja interromper a cadeia de violência estabelecida pela relação entre Abel e Caim.

“Este é o livro das gerações de *Adão* (Adam): No dia em que Deus criou o *homem* (Adam) à semelhança de Deus o fez, macho e fêmea os criou, e os abençoou, e os chamou pelo nome de *ser humano* (Adam), no dia em que foram criados” (Gn 5,1-2).

É como se, a partir de Set, a criação se iniciasse outra vez, apagando a experiência da violência. A família é recriada, nova, mostrando que a vida é importante e possível. O texto chama a atenção ao fato de os pais terem vivido muito e repete, três vezes para cada patriarca, que *ele viveu*; só para Adão a expressão, *Adão viveu*, aparece, apenas, duas vezes.

Henoc é um nome que se repete na linhagem de Caim e de Set, sendo, em ambos os casos, destacado com uma observação especial. Na linhagem de Caim é ligado à identificação de uma cidade, como observamos acima. Na linhagem de Set, nos chama a atenção porque não há a mesma finalização de sua apresentação como os outros: *e morreu*. Para Henoc, há uma observação importante.

“Henoc andou (passeou⁵) com Deus; e não apareceu mais, porquanto Deus o tomou” (Gn 5,24).

A razão da morte de Henoc não ser apresentada é o fato de ele ter passeado com Deus. Gênesis 3 já havia chamado a atenção a isso, pois Deus vem ao cair da tarde para passear no jardim (v. 8) e não encontra o homem, que havia se escondido. Passear com Deus se torna uma das principais, senão a principal característica de quem assume o projeto divino para sua vida. Noé é apresentado como aquele que anda com Deus (Gn 6,9); Abraão (Gn 17,1) é convocado a andar na presença de Javé, estabelecendo um princípio de perfeição. Moisés e o movimento do Êxodo seguirão essa mesma lógica, andando com Deus pelo deserto. O andar com Deus é a característica que faz o ser humano participante do seu projeto na criação, reafirmado na apresentação das genealogias.

Salta-nos aos olhos o nome do último patriarca da genealogia adâmica na linhagem de Set, antes de Noé, que introduz, no capítulo 6, uma nova narrativa, pois seu nome é Lamec. Como o assassino da linhagem de Caim, que tem esse mesmo nome, também é o último mencionado, antes da interrupção para a informação de que Set substitui a geração de Abel. Temos, portanto, dois Lamec, um da linhagem de Caim, e outro da de Set.

O Lamec da linhagem de Set abre as portas para uma proposta de proteção à criação de Deus, através de Noé, que seria o modelo proposto por Deus para o *ser humano*. Considerando que as genealogias se propõem a apresentar a cadeia das bênçãos divinas, a qual une o projeto criador de Deus com a história e não apenas indivíduos isolados com sua linhagem; podemos perceber que a escolha do nome de Lamec, nessas duas tradições, pretende mostrar que a história não é fechada. Há uma abertura na condição humana a fim de usar sua força (Lamec = homem forte) para o exercício da violência, assim como para o trabalho da produção da terra, cumprindo a missão estabelecida para o homem de cuidar do “jardim”. Lamec gera Noé, que será o restaurador,

5. Trata-se do verbo *halak* no hitpahel, que é intensivo reflexivo, traduzido normalmente por passear.

aquele que dará continuidade à humanidade, opondo-se à violência instalada na criação, da qual o Lamec da linhagem de Caim é um importante representante.

Os conflitos que vão acompanhar a história da humanidade encontram seu lugar no ambiente da família, mas a possibilidade de vencer as limitações e o poder destruidor da violência encontram-se, igualmente, no seio dela.

As genealogias de Gn 4 e 5 não pretendem, apenas, fazer uma ligação cronológica entre a criação do homem e o período do dilúvio, mas estabelecer o caminho para a história da humanidade, como um todo, mostrando que a bênção de Deus vai sendo efetivada, gerando relações, sucessões, e estabelecendo oportunidades, sem, contudo, negar o problema do bem e do mal.

III. Conclusão

A narrativa de Caim abre-nos a discussão em torno dos processos de desencadeamento da violência, que encontram seu lugar na reação aos sentimentos de rejeição, que no transcurso da vida vão se desenvolvendo. Para a narrativa, há uma atitude equivocada de Caim, que no modelo de Adão e Eva transfere a culpa de seus sentimentos a outro, nesse caso a Abel. Esses sentimentos, não administrados devidamente, passam a assumir o controle de si mesmo, negando ao outro o direito a existência. Em um conflito de representantes de correntes de poder econômico – agrícola e pecuário – torna-se fator comum de conflito comum, a rejeição, mesmo que essa se dê por sua própria culpa.

Devemos ler a narrativa com olhos voltados para o problema coletivo, pois se trata de elementos de representação coletiva de atividades econômicas de produção. Mas não podemos deixar de olhar a narrativa pelo ponto de vista existencial, pois trata-se de ações e reações geradas no íntimo do ser humano.

A narrativa não se limita a apresentar a questão da violência, apenas como uma realidade da existência humana, mas oferece uma alternativa. É possível se escrever uma história diferente da história da família de Caim. A alternativa é aprestada na genealogia de Set, que coloca em paralelo Henoc e Lamec, mostrando que o princípio para uma construção distinta à da família de Caim é, sobretudo, passear com Javé pela vida. A vida deve ser um passeio com Javé no jardim. Por isso o papel de Lamec é importante, pois o homem forte não deve usar a sua força para tirar a vida, escalonando a violência, mas para o trabalho da terra, espaço de sobrevivência.

Ágabo Borges de Sousa
Rua Bartolomeu de Gusmão 714 – Sobradinho
Feira de Santana – Bahia. CEP 44020-240
dr_agabo@hotmail.com